

# Os valores semânticos do presente do indicativo no português brasileiro: um estudo em blogs

## Semantic values of the by the present tense in the Brazilian Portuguese: a study in blogs

---

Juliana Bertucci Barbosa \*

Renata Cristina Vilaça Cruz \*\*

**RESUMO:** Apesar de ser definido pelas Gramáticas Tradicionais (GTs) como o tempo que designa a fala momentânea, o Presente do Indicativo pode referir-se ao passado e até mesmo ao futuro. Segundo Fatori (2010), trata-se de um dos tempos verbais mais empregados na língua portuguesa, nas modalidades escrita e falada. Assim, seguindo a perspectiva variacionista, nesta pesquisa, analisamos os valores semânticos expressos pelas formas verbais conjugadas no Presente do Indicativo encontradas em uma amostra do Português Brasileiro escrito atual (PB) composto por textos extraídos de *Blogs*. Após a montagem do *corpus*, selecionamos ocorrências do Presente do Indicativo e, em seguida, analisamos de acordo com os grupos de fatores que norteiam este trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Valores semânticos. Variação linguística. Português brasileiro escrito.

**ABSTRACT:** Despite being defined by Traditional Grammars (TGs) as the tense that designates the momentary speech, the Present Tense can refer to the past and even to the future. According to Fatori (2010), it is one of the most used tenses in the portuguese language, in the spoken and written modalities. Thus, following the variational approach, on this research, we analyzed the semantic values expressed by the conjugated verb forms of Present Tense found in a sample of current written Brazilian Portuguese (BP) composed of texts taken from Blogs. After mounting the corpus, we selected events of the Present Tense and then we analyzed according to the groups of factors that guide this work.

**KEYWORDS:** Semantic values. Language variation. Written brazilian portuguese.

---

\* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Professora Adjunto do Curso de Letras da UFTM. E-mail: julianabertucci@gmail.com

\*\* Graduada em Letras Português/espanhol pela UFTM. Membro do grupo de pesquisas variacionistas, cadastro na plataforma do CNPq, reconhecido pela UFTM. E-mail: julianabertucci@gmail.com

## Introdução

O Presente do Indicativo, segundo Fatori (2010), é um dos tempos verbais mais utilizados no português, tanto na sua modalidade escrita quanto na falada. É empregado – como evidenciam Silva (2002), Barbosa (2008), Fatori (2006, 2010) – para expressar temporalmente o presente, o passado e o futuro, podendo até nos levar a afirmar que se trata de uma das formas verbais mais versáteis de nossa Língua Portuguesa.

Embora seja tão rentável na língua, o Presente do Indicativo é uma das flexões verbais menos estudadas, predominando amplamente nos trabalhos científicos estudos sobre os tempos do futuro, das formas nominais e das perífrases (CASTILHO, 1984). Tal fato justifica sua escolha como tema de nossa pesquisa.

Assim, o objetivo geral deste artigo é realizar, adotando uma perspectiva variacionista, um levantamento dos valores semânticos assumidos pelo Presente do Indicativo na língua portuguesa escrita do Brasil. Para isso, montamos uma amostra do Português Brasileiro escrito (doravante PB) construído de textos extraídos de um ambiente virtual, popularmente conhecido como *Blog*.

Este estudo torna-se, então, relevante por auxiliar no levantamento das características do PB, especialmente, às relacionadas aos contextos de uso atual do Presente do Indicativo. Considerando-se que o sistema temporal, assim como outros fenômenos na língua, está em constante variação, podemos verificar que existem muitos outros empregos para esse tempo verbal além daqueles comumente descritos pelas obras normativas. Além disso, entender como funciona o sistema temporal do português, como é o caso desta pesquisa, pode favorecer o ensino de Língua Portuguesa nos ensinos Fundamental e Médio, uma vez que auxilia na compreensão dos parâmetros de uso real da língua e oferece mais subsídios teóricos e reflexivos ao professor de Língua Portuguesa.

Para tanto, inicialmente, faremos uma revisão bibliográfica observando as definições e os resultados de pesquisas que envolvem o Presente do Indicativo sob dois pontos de vista: o da Gramática Tradicional e o da óptica da Linguística. Em seguida, comentaremos sucintamente os procedimentos metodológicos, a escolha do *corpus*, e, por fim, apresentaremos os resultados, levando em consideração os

seguintes grupos de fatores: a) valor semântico do Presente do Indicativo; b) presença/ ausência de adjunto adverbial; c) tipos de verbo (ação, processo, ação-processo, estado); d) tipologia textual.

### **O Presente do Indicativo sob duas vertentes: Gramática Tradicional vs. Estudos Linguísticos**

Segundo a Gramática Tradicional (doravante GT), as formas verbais de Pretérito, Presente e Futuro são usados para expressar fatos que ocorreram cronologicamente antes do momento da fala do enunciador (Pretérito), no momento da fala do enunciador (Presente) e posterior à fala do enunciador (Futuro). Porém, alguns pesquisadores como Fatori (2006, 2010) e Barbosa (2003, 2008) comprovam que uma forma verbal, ao ser inserida em um determinado contexto, pode, muitas vezes, não exprimir uma única noção semântica temporal. A forma do Presente do Indicativo é um exemplo disso, pois pode ser utilizada para exprimir ações passadas e até mesmo futuras, veja a frase abaixo, em que o verbo “comprar”, ao lado do advérbio, está empregado no Presente do Indicativo, mas indica uma ação futura ao momento da fala do enunciador:

(01) Amanhã eu *compro* o convite.

Dessa forma, julgamos relevante fazer uma revisão bibliográfica apresentando e comparando discussões referentes ao Presente do Indicativo sob duas visões: a das Gramáticas Tradicionais (GTs) e sob a óptica da Linguística. Essa distinção é necessária, pois tais abordagens possuem um posicionamento distinto. Em outras palavras, enquanto a Gramática Tradicional impõe suas regras e desconsidera qualquer outra forma da língua que não aquela ditada por ela, a Linguística, ao contrário, pesquisa, registra e descreve a língua, considerando todas as variedades possíveis, buscando entender seu funcionamento.

## O que dizem as Gramáticas Tradicionais

Faremos, agora, um levantamento de como o Presente do Indicativo é apresentado em algumas GTs para observar o que elas prescrevem e verificar, comparando com os resultados de nosso trabalho, se essas regras são utilizadas pelos falantes do PB contemporâneo.

Começemos por Bechara (2009), que, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, admite que os tempos verbais sejam três: presente, pretérito e futuro, sendo que ocorrem “em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento da fala; em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e em referência a fatos ainda não realizados” (BECHARA, 2009, p.221), respectivamente. O autor relaciona, ainda, o acontecimento comunicado ao momento da fala, explicando que o presente encerra esse momento, o passado é anterior a ele e o futuro ocorrerá após o ato de fala.

É relevante destacar que o autor classifica o presente com um traço “negativo ou neutral”, ao contrário do pretérito e do futuro que apresentam traços “positivos”, podendo ser aplicados ao ocorrido. Isso, ainda de acordo com Bechara (2009), é o que faz com que o presente, em alguns contextos, possa ser empregado em vez do pretérito e do futuro, assim como já demonstrou o linguista Silva (2003). Bechara (2009) denomina o Presente do Indicativo como “Presente-futuro”, quando é utilizado para expressar ações futuras:

(02) Amanhã cedo eu *ligo* pra ela.

Bechara (2009, p.276) acrescenta ainda que o presente pode denotar três declarações: a que se prolonga até o momento em que se fala; a que acontece habitualmente e a que representa uma verdade universal. Além disso, aponta quatro formas de empregos do Presente do Indicativo: pelo pretérito, chamado de presente histórico, que funciona na intenção de dar a fatos passados o valor de novidade; pelo futuro do indicativo, para enfatizar uma decisão; pelo pretérito

imperfeito do subjuntivo e pelo futuro do subjuntivo. O autor cita os respectivos exemplos, de forma descontextualizada, para ilustrar tais definições:

- (03) Pela manhã, *bates-lhe* à porta, chamando-o. Como ninguém responde, *procuras* entrar.
- (04) Amanhã *vou* à cidade.
- (05) *Se respondo* mal ele se zangaria.
- (06) *Se queres* a paz prepara-te para a guerra.

Podemos observar que, apesar da forma bastante tradicional e de apresentar os tempos verbais como apenas três, Bechara (2009) cita e exemplifica que o emprego do Presente do Indicativo pode variar e, ainda, comenta que “geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de outra *significação*” (BECHARA, 2009, p. 277, itálico do autor), o que nos permite inferir que, de certa forma, o autor considera alguns empregos semânticos do verbo.

Nesse sentido, Cunha e Cintra (2008) determinam, assim como Bechara (2010), os tempos verbais<sup>1</sup> como três (presente, pretérito e futuro). Porém, diferenciam-se quanto ao emprego do indicativo, apresentam apenas quatro formas de expressar o presente:

1- Presente Momentâneo, que seria a função mais frequente desta forma verbal, enunciando um fato atual no momento em que se fala;

- (07) Cai a chuva. É noite. Uma pequena brisa.
- (08) Substitui o calor. (CUNHA; CINTRA, 2008, p.462-63),

---

<sup>1</sup> Bechara (2003), Cunha e Cintra (2008), antes de apresentarem a noção de tempo, expõem o que consideram forma verbal. Para estes, verbo trata-se de “uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”, discordando daquele que afirma ser sempre o verbo o núcleo da oração. Segundo Cunha e Cintra (2008, p. 393), “o verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja privativa, pois também o SUBSTANTIVO e o ADJETIVO podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela *função obrigatória* de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional” .

2- Presente Durativo, que indica ações permanentes e/ou dadas como verdades universais;

(09) A Terra gira em torno do próprio eixo. (CUNHA; CINTRA, 2008, p.462-63),

3- Presente Habitual ou Frequentativo, expressa ações habituais de determinado sujeito, mesmo que não estejam sendo exercidas no ato da fala;

(10) Sou tímido: quando me vejo diante de senhoras, emburro, digo besteiras. (CUNHA; CINTRA, 2008, p.462-63, grifo dos autores).

4- Presente Histórico ou Narrativo, que dá vivacidade a fatos que ocorreram no passado, além de fazer com que imaginemo-nos no passado e visualizemos os fatos narrados.

(11) Tiradentes é enforcado.

Além desses já citados, Cunha e Cintra (2008) explicam que o adjunto adverbial pode ser empregado para evitar ambiguidades e marcar um futuro próximo, como em:

(12) Amanhã mesmo vou para BH e lá pego o avião do Rio.

Esses autores também se destacam em relação aos demais gramáticos por indicarem os valores aspectuais que podem ser expresso pelo Presente do Indicativo, o qual, segundo eles, designa “[...] uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo.” Pode ele considerá-la concluída (...) ou não concluída” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 396).

Cabe destacar para a contribuição de outro gramático, Cegalla (2010), esse se diferencia dos demais autores apresentados nesta pesquisa por partir de exemplos descontextualizados para chegar às definições necessárias. No entanto, assim como os outros pesquisadores, apresenta os tempos verbais como pretérito, presente e futuro.

Em relação ao Presente do Indicativo, Cegalla indica, além do presente momentâneo, apenas o presente histórico como situações de uso em que pode ocorrer a forma aqui estudada. Posição também defendida por Garcia (2010) que acrescenta o Presente de Citação, usado para reproduzir opiniões alheias que podem ter validade permanente.

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, analisamos, ainda, as gramáticas de Ernani Terra (1993), Rocha Lima (2008) e Ulisses Infante (1996), notamos que todas essas apresentam os tempos verbais de maneira bastante tradicional, denominados em três tempos seguidos de suas conjugações e usos, por meio de tabelas. Vale observar que, na introdução do capítulo de Infante (1996), o autor afirma que dedicará maior atenção ao uso prático da língua no estudo das classes gramaticais, considerando o cotidiano comunicativo, o que nos faz pensar que serão consideradas todas as variações da língua, o que, de fato, não ocorre.

Finalizando a investigação sobre o tempo verbal nas gramáticas, analisamos uma gramática não normativa, mas sim descritiva: a de Perini (2010). Nessa gramática, o autor além de apontar três tempos básicos da língua – o passado, o presente e o futuro – justifica que existe por trás desse sistema outro muito mais complexo: “os tempos costumam invadir um o território do outro, o que ajuda a complicar o quadro geral” (PERINI, 2010, p.220). Sob essa perspectiva, Perini assume que as formas verbais, inclusive o Presente do Indicativo, podem possuir, dependendo do contexto de uso, mais de um valor semântico.

Cabe mencionar que Perini (2010) discute os usos das formas compostas, afirmando que possuem o mesmo valor semântico de algumas formas simples, como nas dualidades falara/tinha falado, falarei/vou falar, destacando que no PB, ao contrário da língua culta escrita, as formas compostas sobressaem às formas simples. Porém, discordamos do autor, pois em frases como “Eu comi o bolo” e “Eu

tenho comido bolo”, o valor semântico é discrepante. Como já constatou Barbosa (2008), por exemplo, ao afirmar que a forma simples indica um passado totalmente acabado e a composta possui aspecto durativo e ou iterativo.

Em relação ao Presente do Indicativo, o autor considera duas formas básicas: o presente simples, usado para exprimir eventos habituais, propriedades e/ou estados permanentes e, ainda, uma verdade geral que não dependa de tempo, e o presente progressivo, criado a partir da união entre o auxiliar estar mais o verbo no gerúndio, usado para exprimir fatos que ocorrem no momento da fala, destacando que este último nunca pode ser um evento permanente, como, por exemplo, não se pode dizer que “Carolina está tendo cabelo louro”.

O autor ainda aponta o presente expressando: o futuro, o passado, o tempo decorrido e o presente progressivo (estar + gerúndio). Dentre as gramáticas analisadas, a de Perini (2010) é aquela que mais se afasta do tradicionalismo e mais se aproxima do contexto real de comunicação utilizado no PB.

## **O que dizem os estudos linguísticos**

Acreditamos, assim como Longo (1998), Barbosa (2003, 2008) e Fatori (2010), que a noção de tempo ultrapassa a simples linearidade postulada pela gramática tradicional (presente, passado, futuro). De acordo com Benveniste (1989), partilhado por Barbosa (2008) e Fatori (2010), há três conceitos distintos de tempo: tempo físico, tempo crônico e tempo linguístico.

O tempo físico pode ser considerado a medida do movimento exterior das coisas. É o tempo da natureza, que pode ser compreendido como um *continuum* em que se sucedem eventos, estados e ações. Esse tempo concerne ao tempo marcado, por exemplo, pelo movimento dos astros, o qual determina a existência de dias, anos, séculos etc. Já o tempo crônico refere-se ao tempo dos acontecimentos, que engloba inclusive nossa própria vida, ou seja, trata-se do tempo do calendário.

A definição de tempo mais complexa é a do tempo linguístico. Para Benveniste (1989), esse tempo se mostra irreduzível tanto ao tempo físico como ao



crônico. Para o autor, “uma coisa é situar um acontecimento no tempo crônico, outra coisa é inseri-lo no tempo da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 74).

Isso o leva a concluir que todos os tempos estão intrinsecamente ligados a um contexto, a um momento da fala (ou da enunciação). A partir dessas categorias, criam-se três momentos de referência: presente, passado e futuro. O momento de referência presente concerne ao *agora*, na medida em que coincide com o momento da enunciação. Já os momentos de referência passado e futuro indicam, respectivamente, anterioridade e posterioridade ao momento da enunciação.

Como vimos na seção anterior, geralmente tem-se uma visão tripartida do tempo (em presente, passado e futuro). Sob a perspectiva de alguns linguistas, essa oposição não se manifesta em todas as línguas. Além disso, naquelas línguas em que essa tripartição é gramaticalizada, a oposição não é necessariamente temporal (pode ser aspectual, modal etc.).

Para Lyons (1979), o *tempo* diz respeito a uma categoria dêitica, pois “relaciona o tempo da ação, do acontecimento ou do estado referidos na frase ao momento do enunciado, que é ‘agora’” (LYONS, 1979, p. 320). A categoria *aspectual*, por sua vez, é não dêitica, “não fazendo referência à localização do fato no tempo, simplesmente se refere ao tempo decorrido dentro dos limites do fato enunciado” (FATORI, 2010, p.53).

Assim, o que ocorre na língua, de fato, nem sempre é a coincidência entre o tempo verbal representado e a sequência temporal. Vejamos o exemplo seguinte:

(13) Eu *queria* tanto ir àquela festa.

Ao pensarmos em situações como essa, percebemos que o tempo verbal é o passado, mas a sequência temporal, ou seja, o momento do evento é o presente. Assim como ocorre no tempo gramaticalmente chamado de presente histórico, como em (14):

(14) A princesa Isabel *assina* a lei de libertação dos escravos

O tempo verbal presente é usado para dar vivacidade a um fato ocorrido no passado. Como afirma Silva (2002), “embora expresse relações temporais reais, as mudanças evidenciam que o tempo verbal está longe de representar o fluxo de tempo ou suas segmentações”.

Reichenbach (1948, *apud* CORÔA, 1985, p. 27) apresenta-nos uma definição mais ampla, introduzindo a ideia de que “a percepção dos eventos está relacionada a um espectador (ponto de referência) e a simultaneidade ou a sucessividade dos eventos dependem de sua posição. Segundo o autor, tal observador situado em determinados tempo e espaço deu origem a três pontos temporais: momento de fala (MF) – tempo do ato de fala/ do falante -; momento de evento (ME) – estado de coisas a que o enunciado se refere -; e ponto de referência (PR) - mais abstrato, ponto de vista temporal.

Fatori (2010) apresenta a interpretação semântica proposta por Corôa (1985), baseada também nos estudos de Reichenbach (1948). As definições feitas por Corôa não consideram a interação do verbo com o adjunto temporal, nem a utilização de auxiliares na gramaticalização do tempo. Ela propõe a seguinte definição para os três momentos estabelecidos por Reichenbach:

**Momento do Evento (ME):** é o momento em que se dá o evento (processo ou ação) descrito; é o tempo da predicação.

**Momento da Fala (MF):** é o momento da realização da fala; o momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo ou ação); é o tempo da comunicação.

**Momento de Referência (MR):** é o tempo da referência; o sistema temporal fixo com respeito ao qual se define simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME. (CORÔA, 1985, p. 42 *apud* FATORI, p. 57 – grifos do autor).

Assim, no exemplo citado anteriormente como presente histórico, o MR se descola para o passado de forma tão abrangente que inclui também nele o ME e o MF. Como afirma Silva (2002):

[...] um mesmo evento pode ser visto de várias maneiras, ou seja, do ponto de vista *passado, presente e futuro*. O PR pode ser anterior, posterior ou coincidir com o PR. Reichenbach (1948) propõe nove formas básicas, nomeadas de *anterior*, quando o evento precede a fala, *posterior*, quando a sucede, e *simples*, quando coincide com ela. (SILVA, 2002, p. 24 - grifos do autor).

Fatori (2010) destaca, também, que as considerações feitas por Coroa (1985) podem ser suficientes no que diz respeito aos tempos do presente, do passado e do futuro, em que a localização do ME em relação ao MF é sempre simultânea, anterior e posterior, respectivamente. Entretanto ressalta que quando o presente possui valor de futuro, no caso do Presente do Indicativo, nem sempre o ME coincide com o MF, assim como comprova Silva (2002) ao afirmar que o presente possui valor futurizado, o MR pode ser posterior ao MF. Observemos um exemplo do Presente do Indicativo:

(15) Outro dia, eu *compro* aquele brinquedo para você.

Neste caso, o valor de futuro pode ser identificado por meio do adjunto adverbial de tempo "outro dia", que é também o MR. Se o MR é posterior ao MF, e o ME (ato de comprar) é simultâneo ao MR, ocorre um emprego em que: MR – MR, ME, o que é contrário à determinação feita por Coroa, ou seja, MF, MR, ME. Silva (2002) justifica tal ocorrência devido ao fato de que o presente sofre uma flexibilização, possuindo um pouco de passado e um pouco de futuro.

Fatori (2006), ao realizar um estudo acerca dos valores semânticos assumidos pelo presente em textos escritos (entrevistas), encontrou três formas de emprego do presente do indicativo que não são abordadas pelas GTs: o presente histórico inclusivo (indica o tempo decorrido, porém acarreta a ideia de que há outro evento); o presente de "juízos do falante" (que é usado para testar a atenção do falante: exemplos como "sabe" e "olha" ou marcar a atenuação da atitude do falante como em: "acho que..."); e o presente enfático (usado para enfatizar um termo da oração, como em "ele tem *é* medo").

Posteriormente, Fatori (2010) realizou um estudo comparativo entre as modalidades falada e escrita, para verificar os valores semânticos do Presente do Indicativo. Foi utilizado um *corpus* contendo trinta e três textos, sendo sete gêneros discursivos da modalidade escrita e quatro da falada.

O pesquisador constatou que a definição de que o Presente do Indicativo é utilizado apenas para expressar fatos referentes ao momento da enunciação está equivocada, já que o valor semântico do presente momentâneo, que corresponde a essa definição tradicional, é pouco ou quase nunca empregado, tratando-se, então, de um valor semântico nada relevante na língua portuguesa cotidiana. Por outro lado, o presente onitemporal e o presente durativo contínuo apareceram no maior número de ocorrências registradas por Fatori (2010), circulando em diversos gêneros e contextos discursivos, o que, segundo o pesquisador, faz com que o Presente do Indicativo tenha um caráter atemporal. Ele ressalta ainda que encontrou dezessete tipos de ocorrências do Presente do Indicativo, o que comprova serem bastante limitados os manuais de língua portuguesa.

Em relação às tipologias textuais, Fatori (2010) constatou que o uso do Presente do Indicativo predominou em textos expositivos e argumentativos. Em uma análise de seu *corpus* composto por editoriais do jornal Gazeta Mercantil, artigos científicos e narrações de futebol, o pesquisador destaca a escolha dos valores semânticos que predominaram, respectivamente, o presente durativo contínuo (85,71%), o presente onitemporal (81,94%) e o presente momentâneo (82,26%).

Percebemos que o presente momentâneo predomina apenas na língua falada nas narrações de futebol, ou seja, levando-se em consideração que esse contexto discursivo é simultâneo aos acontecimentos narrados.

Por isso, partindo da noção de simultaneidade e anterioridade proposta por Reichenbach, acreditamos que são três, assim como constatou Fatori (2010), as representações para o Presente do Indicativo no PB<sup>2</sup>:

MF , MR , ME

---

<sup>2</sup> As vírgulas indicam simultaneidade e o travessão, anterioridade (cf. BARBOSA, 2008).

## MF – MR , ME

Silva (2002), pesquisador que estuda os valores semânticos para o futuro, evidencia que o presente futuro, juntamente à forma perifrástica (ir + infinitivo), predomina nos textos analisados por ele. Para o estudioso, o presente do indicativo e a perífrase (ir + infinitivo) possuem a mesma função, sendo que o uso de um ou outro depende da escolha momentânea do falante em sua situação discursiva.

Na forma perifrástica, o enunciador evidencia a noção de futuro, enquanto no presente do indicativo, quem determina tal noção é o contexto de uso ou as marcas de temporalidade. O pesquisador conclui que:

[...] enquanto o futuro do presente ocorre em estruturas formulaicas em alguns contextos de fala espontânea e de fala oficial formal, as formas futurizadas são irrestritamente mais usadas na fala informal espontânea, na qual a monitoração é zero. (SILVA, 2002, p.156).

Partindo de tais considerações e dos estudos de Silva (2002), Fatori (2010) e demais autores citados, podemos comprovar que há muitas divergências em relação ao tratamento que se dá ao Presente do Indicativo. A partir da análise dos dados, poderemos refletir sobre tais definições para, enfim, apresentarmos um posicionamento definitivo.

### **O *corpus* da pesquisa: BLOG, do que se trata?**

Algo que muito se tem investigado são os chamados gêneros digitais. No entanto, tais estudos causam também muitas divergências. Nas diversas redes sociais, que ganham mais espaço a cada ano, circulam diversos textos, verbais e não verbais, que possuem um caráter social. Além disso, integram mais de um gênero textual, já que através do *hiperlink* (possibilidade de direcionar a leitura a outras páginas da *internet*) é possível em uma única rede social divulgar uma

notícia, uma receita ou um texto de opinião, por exemplo. Apesar de despertar o interesse dos Linguistas em relação a tais “gêneros digitais” (como e-mails, redes sociais, aulas virtuais, etc.), há ainda muito que se pesquisar em relação a tais tecnologias.

Os chamados *Weblogs* ou *Blogs*, como são conhecidos no Brasil, despertam bastante interesse, já que cada vez mais usuários integram o grupo dos “blogueiros” ou *bloggers*. O *Blog* – traduzido como arquivo de rede – surgiu em agosto de 1999 na empresa do norte-americano Evan Williams e fora criado para divulgar textos on-line, pois sua utilização dispensa grandes conhecimentos na área da informática. Trata-se de uma ferramenta de “autoexpressão” e apresenta textos compostos por imagens, vídeos, fotos, desenhos e músicas. Em agosto de 2002, uma estimativa apontou 170.000 usuários de *Blogs*, a partir de apenas dois sites hospedeiros (apud OLIVEIRA, 2002). Um dos principais sites, o Blogger, possui média de 2 mil novas inscrições de usuários por dia, segundo Williams, um dos criadores do site, o que se pode justificar por dois motivos principais: 1) não é necessário possuir grandes conhecimentos na área de informática para manter um *Blog*; 2) essa ferramenta é gratuita, não se paga, ainda, para se inscrever e manter um *Blog* na rede da *internet*.

A princípio, os Blogs são caracterizados pelas práticas de escritas sobre si. Segundo Maingueneau (1984), esta atividade de escrita sobre si é constituída enquanto “prática discursiva” em seu modo de organização e na rede de circulação de seus enunciados. O que torna essa prática curiosa é que são relatadas histórias de pessoas comuns, ou seja, sem nenhuma fama, não possuem destaque social. Além disso, vale lembrar a importância do outro nesses textos, pois esses são publicados e circulam na *internet*, esperando-se que o outro os leia e, ainda, comente a respeito dos assuntos tratados. Assim, o *Blog* apresenta um espaço destinado a comentários, que podem ser realizados por qualquer pessoa que visite o site, sendo assinados ou não.

Uma grande discussão que circula a respeito dos *Blogs* é a comparação com os diários tradicionais. Ambos possuem alguns traços semelhantes como, por exemplo, a data no início e os relatos de acontecimentos sobre si, porém, segundo

Komesu (2010), não se deve associá-los por se tratarem de *acontecimentos discursivos* distintos, possuindo, também, *gêneros de discurso* distintos. A autora afirma, ainda, que a evidência mais explícita que se pode vincular dos diários tradicionais aos *Blogs* é a marca do cabeçalho com as datas, porém o *Blog* possui a marca também do horário da postagem, o que não ocorre nos diários tradicionais, que não apresentam o tempo de produção em horas, datas e segundos, como nos *Blogs*.

Outra observação importante de Komesu é a de que os textos dos *Blogs* são, ao mesmo tempo, eternizados, pois são materializados pela escrita na *internet*, podendo ser divulgados em outros gêneros digitais (como as redes sociais e os e-mails) e também fugaz, podendo ser facilmente apagado, modificado ou substituído do espaço de sua circulação.

Como nos *Blogs* circulam vários tipos e gêneros textuais, além de possuírem um público bastante assíduo, torna-se muito interessante uma proposta de atividades em sala de aula utilizando esse instrumento para ampliar os conhecimentos e facilitar a compreensão dos alunos.

### **Procedimentos metodológicos e variáveis (in)dependentes**

Após a revisão bibliográfica, foi feita a seleção e o levantamento do *corpus*, coletando textos escritos de quatro *Blogs*:

a) *Diário Nada Secreto* (<http://diario-nadasecreto.blogspot.com/>): dentre os analisados, trata-se do mais próximo ao gênero diário. Apresenta textos que narram fatos ocorridos com a “blogueira”, identificada como do sexo feminino e jornalista, e narram fatos ocorridos e pensamentos típicos de uma jovem que está prestes a se formar. Os textos são compostos por linguagem verbal e não verbal e, também, por diversas músicas e vídeos.

b) *Eu e Meu Ego Grande* (<http://www.euemeuegogrande.com/>): o autor desse Blog é identificado como do sexo masculino, “escritor, redator e roteirista”. Seus textos tratam de temas cotidianos e também apresentam vídeos. Uma

característica identificada, inclusive, pelo próprio autor é a escrita sobre si na terceira pessoa.

c) Filhos de Amor (<http://filhosdeamor.blogspot.com/>): neste *Blog* a autora identifica-se como mulher e mãe de três filhos. Narra fatos ocorridos e, principalmente, apresenta “dicas” sobre como lidar com a educação dos filhos. Apresenta linguagem verbal e não verbal por meio de fotos.

d) Potencial Gestante (<http://potencialgestante.com.br/>): a autora desse *Blog* é identificada como do sexo feminino e narra fatos cotidianos e histórias relacionadas a seu primeiro filho. Característica interessante é a ausência de letras maiúsculas. Também apresenta muitos vídeos fotos e aproxima-se bastante do gênero diário.

A escolha desses *Blogs* se deu porque, de modo geral, as publicações apresentam fatos do cotidiano dos escritores não apenas em caráter narrativo. Os sites apresentam outros tipos textuais, como, argumentativos, expositivos etc. Parece-nos, também, que todos possuem um público ativo e interativo, pois há vários seguidores e comentários sobre os textos publicados.

Foram selecionadas 102 (cento e duas) ocorrências<sup>3</sup> do Presente do Indicativo, retiradas desses quatro *blogs*, sendo 25 (vinte e cinco) primeiras ocorrências em cada. Após essas etapas, analisamos as ocorrências do Presente do Indicativo, de forma qualitativa e quantitativa, observando – partindo de Fatori (2010) – os seguintes grupos de fatores:

*I - Valor semântico do Presente do Indicativo expresso no contexto de escrita:* observamos se a forma conjugada no Presente do Indicativo expressava o valor de:

a) grupo do presente aspectual: classe corresponde a um tipo de presente marcado por um caráter aspectual, que engloba os seguintes tipos de presente: (1a) presente durativo, (1b) presente iterativo, (1c) presente histórico inclusivo; exemplificados, respectivamente, por:

---

<sup>3</sup> Foram excluídas da nossa análise as perífrases e locuções verbais.



- (16) A Terra *gira* em torno do Sol.
- (17) Quem curte moda conhece a Telva, não *conhece*?
- (18) De longe *aceno* pra eles. *Sinto* que meu rosto *está* vermelho, as bochechas quentes.

b) grupo do presente atemporal: caracteriza-se por representar eventos sem historicidade, nos quais a perspectiva temporal perde praticamente sua pertinência, em que se inserem os seguintes tipos: (2a) presente habitual (tempo ilimitado), (2b) presente onitemporal, (2c) presente de "juízos do falante" (marcador de atenuação da atitude do falante); cujos respectivos exemplos são:

- (19) Se alguém usa esse argumento nem dá pra discutir.
- (20) Fico indignada com a exploração e a violência.
- (21) Quero ir, mas não posso porque tenho um compromisso, entende?

c) presente modal, que expressa a atitude do falante, podendo ser: (3a) presente imperativo e (3b) presente futuro; Exemplificados a seguir:

- (22) Você me faça isso amanhã.
- (23) Ela faz 16 em setembro.

e) presente enfático: baseado no emprego do presente simplesmente com o objetivo de dar ênfase a um termo ou expressão dentro do enunciado em que esse tempo verbal se insere, como no exemplo:

- (24) Mas também não perde, não é querida.

f) o presente momentâneo: este último emprego, que mais evidenciaria o caráter temporal desse tempo verbal, de acordo com a GTs, não foi encontrado em

textos escritos por Fatori (2010), por isso, buscamos identificar se ocorre em nosso corpus.

(25) Escrevo o artigo agora.

Cabe mencionar nos casos do presente imperativo, do presente enfático e dos marcadores fáticos não há marcação de temporalidade.

*II - Ausência/presença de adjunto temporal:* analisar se a presença ou não de advérbio amalgamada a um valor semântico empregado pelo Presente do Indicativo:

- Ausência: Quando o Presente do Indicativo não estiver acompanhado de um adjunto adverbial. Exemplo:

(26) O problema é que até hoje ele *chama* por ela todo santo dia, procura e não a encontra.

- Presença: Quando o Presente do Indicativo estiver acompanhado de um adjunto adverbial. Exemplo:

(27) ah, legal! vocês *moram* naquele bloco?

*III - Tipo de verbo:* alguns autores (CASTILHO, 1984; BORBA, 1996, TRAVAGLIA, 1991, BARBOSA, 2008) argumentam que o valor semântico expresso pelo verbo principal, ou o tipo de verbo, pode estar associado ao uso de algumas formas temporais. Partindo deste princípio, baseamo-nos nos critérios de identificação apresentados por Borba (1996), em seu *Dicionário de usos do Português do Brasil (DUP)* para classificação dos tipos de verbos. Segundo o autor, os verbos podem ser classificados em quatro tipos:

- Ação: O verbo de ação indica um “fazer” de fato por parte do sujeito. Trata-se de uma atividade realizada pelo sujeito agente e expressa pelo verbo.

Exemplo:

(28) Não um cara que te *manda* poesias do Drummond ou que te manda letras do Chico.

- Processo: Neste caso o sujeito é paciente, ou seja, recebe uma ação, um acontecer, um experimentar. Algo que se passa com o sujeito ou que ele recebe, experimenta. Exemplo:

(29) Porque eles *são* a maior unanimidade musical de todos os tempos.

- Ação-processo: Expressa uma ação realizada por um sujeito que leva a uma mudança de estado, de condição, de posição ou de algo que passa a existir. Esses verbos são chamados também de mudança de estado ou causativos.

Exemplo:

(30) Evandro *mostra* uma mensagem no celular dela.

- Estado: Expressa uma condição do sujeito. Exemplo:

(31) Não pense que minha vida não tem acontecido nada e por isso *estou* ausente.

*IV - Tipologia textual:* verificar se algum dos empregos do Presente do Indicativo está associado a alguma situação discursiva tipológica, observando se algum tipo de verbo aparece com maior frequência em determinado tipo de texto. Segundo Marcuschi (2003), são cinco os tipos textuais: narrativa, descritiva, argumentativa, expositiva e injuntiva.

A seguir, apresentaremos a análise semântica das ocorrências de Presente do Indicativo encontrados em nosso *corpus*. Na seção subsequente, passaremos a descrever e analisar os resultados obtidos por meio do levantamento estatístico dos dados, apoiados em tabelas com o total de ocorrências e suas respectivas porcentagens. Destacamos que os dados, após terem sido feitas as devidas codificações, foram processados por meio do programa computacional *Goldvarb 2001*.

### **Análise semântica das ocorrências encontradas nos *blogs***

Após selecionarmos as ocorrências do Presente do Indicativo em nossa amostra do PB escrito contemporâneo – selecionamos 100 ocorrências, porém, para não fragmentarmos um contexto, duas ocorrências a mais foram contabilizadas -, analisamos as formas segundo os grupos de fatores descritos na seção 3. Quanto aos valores semânticos expressos por essas formas, obtivemos os seguintes resultados:

**Tabela I:** Valores semânticos do Presente do Indicativo

<b>Valores Semânticos do Presente</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Presente Durativo	01	1%
Presente Iterativo	01	1%
Presente Histórico	35	34,3%
Presente Habitual	27	26,5%
Presente Onitemporal	29	28,4%
Presente do "juízo dos falantes"	-	-
Presente Imperativo	-	-
Presente com Valor de Futuro	08	7,8%
Presente Enfático	01	1%
Presente Momentâneo	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100%</b>

Como é possível observar na Tabela I, os valores semânticos que mais se destacam em relação à porcentagem de ocorrências são: Presente Histórico, Presente Onitemporal e Presente Habitual, com 34,3%, 28,4% e 26,5% dos casos de ocorrências, respectivamente. Essas porcentagens demonstram que o Presente

do Indicativo, como já apontou Fatori (2010), é bastante usado para expressar fatos que ocorrem, com frequência, em nosso cotidiano. Não podemos deixar de considerar que os textos que compõem o nosso *corpus* foram extraídos de *Blogs* em que os blogueiros abordam atitudes e ações do cotidiano. Vejamos exemplos:

(32) “- Claro! O Sílvio *trabalha* comigo o dia inteiro, qual o problema dele querer falar comigo?

(33) A mensagem terminada com reticências, Francisca! RETICÊNCIAS! - Ham? - “Ham” o que, sua cara de pau? Ele *termina* a frase com reticências!

Em relação à Tabela II a seguir, destacamos a ausência de ocorrências do Presente Momentâneo – aquele que indica fatos que ocorrem no momento da fala, ou seja, previsto pelas GTs. Esse resultado demonstra que o valor momentâneo do Presente do Indicativo está sendo substituído por outros valores, tais como “histórico (passado)”, habitual, onitemporal. É importante comentar que Fatori (2010) também não encontrou em sua pesquisa ocorrências de verbos com esse valor semântico nem para a fala, nem para a escrita.

Cabe destacar que, considerando o *corpus* da pesquisa, esperávamos que houvesse um grande número de ocorrências do Presente Interativo, pois há certa relação entre o escritor e o leitor dos textos, já que aquele espera que este comente suas publicações. Mas, houve uma única ocorrência:

(34) Quem curte moda conhece a TELVA, não *conhece*?

Realizamos, também, o cruzamento dos outros grupos de fatores com os resultados referentes aos usos semânticos do Presente do Indicativo. Em relação à presença ou ausência de adjunto adverbial, obtivemos os resultados da Tabela II:

**Tabela II:** Valores semânticos do Presente do Indicativo vs. emprego de adjunto adverbial

	<b>Ausência de Adjunto</b>	<b>Presença de Adjunto</b>
Presente Durativo	-	01

Presente Iterativo	-	01
Presente Histórico	29	06
Presente Habitual	16	11
Presente Onitemporal	24	05
Presente com valor de futuro	05	03
Presente Enfático	-	01
<b>Total Parcial</b>	74 / 72,55%	28 / 27,45%
<b>TOTAL</b>	<b>102 / 100%</b>	

Em relação à Tabela II, observamos que esse grupo de fatores – emprego do adjunto adverbial – não obteve resultados significativos. A maioria das ocorrências (72,55%) não utiliza adjunto adverbial e os adjuntos que aparecem são, quase sempre, de negação ou de lugar.

Já na Tabela III abaixo, podemos visualizar o cruzamento entre os grupos de fatores Valores Semânticos e Tipos de verbos:

**Tabela III:** Valores semânticos do Presente do Indicativo vs. tipo de verbos

	<b>Estado</b>	<b>Ação- processo</b>	<b>Ação</b>	<b>Processo</b>	<b>Total (leitura horizontal)</b>
Presente Durativo	01	-	-	-	01
Presente Iterativo	01	-	-	-	01
Presente Histórico	12	08	13	02	35
Presente Habitual	09	07	09	02	27
Presente Onitemporal	19	04	04	02	29
Presente com valor de futuro	03	04	01	-	08
Presente Enfático	01	-	-	-	01
<b>Total Parcial</b>	46 / 45,10%	23 / 22,54%	27 / 26,5%	06 / 5,9 %	102
<b>TOTAL</b>	<b>102 / 100%</b>				

Nesta tabela, realizamos duas leituras, vertical e horizontal, para melhor visualização do cruzamento de dados. Observamos que o maior número de ocorrências em porcentagem se deu entre os verbos de estado (46/45,10%), que expressam, segundo Borba (1996), uma condição do sujeito, sendo 19 ocorrências com valor de Presente Onitemporal, como observamos no exemplo (35):

(35) Porque eles [os Beatles] *são* a maior unanimidade musical de todos os tempos, depois da bunda da Shakira.

Esse dado é relevante já que o Presente Onitemporal é utilizado para expressar fatos que independem do tempo cronológico, bem como as condições do sujeito. No exemplo acima, o sujeito (Os Beatles) assumem a condição de ser a maior unanimidade musical de todos os tempos, por isso o verbo indica estado e tem valor semântico onitemporal.

Nosso último grupo de fatores, a Tipologia Textual, foi bastante considerável em virtude do *corpus* – o *Blog* –, lugar em que circulam vários tipos de texto. A Tabela IV apresenta o cruzamento entre os Valores semânticos e a Tipologia Textual, definida segundo Marcuschi (2003).

**Tabela IV:** Valores semânticos do Presente do Indicativo vs. tipologia textual

	Argumentativo No %	Expositivo	Injuntivo	Narrativo	Descritivo	Total (leitura horizontal)
Presente Durativo	-	-	-	01	-	01
Presente Iterativo	-	-	-	01	-	01
Presente Histórico	-	-	-	35	-	35
Presente Habitual	04	03	02	18	-	27
Presente Onitemporal	10	-	05	14	-	29
Presente com valor de futuro	01	-	-	07	-	08
Presente Enfático	-	-	-	01	-	01
<b>Total Parcial</b>	15 14,7%	03 3%	07 7%	77 75,4%	-	102
<b>TOTAL</b>	<b>102 100%</b>					

Na Tabela IV, podemos observar que o Presente do Indicativo, de modo geral, foi mais empregado em situações narrativas (75,4%). Vale comentar que todos os fragmentos de teor narrativos ocorreram com Presente do Indicativo com valor histórico, aquele que retrata fatos que ocorreram no passado. Esse fato torna-se relevante: temos situações ocorridas no passado, que foram narradas utilizando-

se o Presente do Indicativo. De certa forma, o enunciador quer aproximar os fatos narrados ao seu momento de enunciação, como podemos observar no exemplo:

(35) mas aí eis que avisto de longe: um pai, um filho e ela, A mãe. não pode ser, não é possível. *Sinto* o coração palpitar, a barriga gelar, os joelhos tremerem. não *consigo* conter o sorriso e lá de longe já *aceno* para eles. *sinto* que meu rosto está vermelho, as bochechas e orelhas quentes.

É importante ressaltar que para comprovarmos tal predomínio nos excertos de teor narrativo, o que contraria os resultados de Fatori (2010), como mencionamos na seção 2 (em que predominou os fragmentos expositivos e dissertativos), torna-se interessante uma investigação em outros *corpora* para, então, verificar se há variação (ou até mesmo mudança) no uso de pretérito para o presente em contextos narrativos.

### **Considerações Finais**

Após a revisão bibliográfica entre a visão dos gramáticos e a dos linguistas, verificamos que há bastante discrepância no que se refere ao conceito do tempo verbal Presente do Indicativo. Dessa forma, após a análise dos dados, concluímos que a definição utilizada pela maioria das GTs, de que o Presente do Indicativo expressa fatos que ocorrem no momento da fala, não condiz com a realidade de uso do Português Brasileiro Escrito Contemporâneo.

A utilização dos *Blogs* para a montagem do *corpus*, composto por textos publicados no ano de 2011, foi fundamental, pois nesse meio social, os usuários retratam a língua em contextos reais de uso, o sujeito não está condicionado a avaliações (monitoramento), diferentemente de outras redações formais, como no vestibular. Ao trabalharmos com textos de *Blogs*, estamos analisando a língua em contexto de escrita menos formal, o que para a teoria variacionista é o lugar onde podemos encontrar/observar a variação.



Com a análise dos dados percebemos fatos relevantes sobre os usos do Presente do Indicativo, como, confirmação da sua não ocorrência com valor de Presente Momentâneo e a não necessidade da presença de adjunto adverbial para expressar tempo (com exceção do presente com valor de Futuro).

Outra evidência que nos chamou a atenção foi a presença, na maioria dos casos, do Presente Onitemporal nos textos argumentativos, o que é bastante considerável nesse tipo de texto já que o autor deve apresentar um discurso que convença o leitor, independentemente do tempo cronológico. O texto narrativo também apresentou resultados bastante significativos: em todas as ocorrências há o Presente Histórico, ou seja, o presente expressando o passado, o que difere das GTs que defendem ser o pretérito predominante nesse tipo de texto.

A pesquisa torna-se relevante, pois aponta dados atuais que comprovam não serem as GTs dotadas de todo o saber. Obviamente, devemos considerar, também, as regras normativas, mas lembrando que se trata de uma das muitas variedades da Língua Portuguesa e não apenas a única ou a “mais correta”. Isso é bastante importante para o conhecimento das características atuais do PB e para a atuação do professor de Língua Portuguesa em sala de aula, que deve estar atento a pesquisas como esta para que suas aulas não se tornem meras reproduções de regras gramaticais.

Deixamos como encaminhamento de pesquisa a investigação do Presente do Indicativo em textos narrativos com um *corpus* ampliado para que possamos verificar se há maior ocorrência do Presente do Indicativo ou do Pretérito em tais narrações. Além disso, torna-se necessária a comparação entre a língua escrita e a língua falada, para melhor avaliar os valores semânticos do Presente do Indicativo no PB Contemporâneo.

## Referências

BARBOSA, J. B. *Tenho feito/fiz a tese: uma proposta de caracterização do pretérito perfeito no português*. 319f. (Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2008.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.

BORBA, F. S. et al. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. (Org.). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: diálogos entre dois informantes, vol. II. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1987, p. 9-10.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FATORI, M. J. *O emprego do presente do indicativo em entrevistas com enfoque no passado*. 106 f. (Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2006.

FATORI, M. J. *Um estudo semântico-discursivo sobre o emprego do presente do indicativo no Brasil*. 207 f. (Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2010.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

LONGO, B. N. O. *A auxiliaridade e a expressão do tempo em português*. 1990. 238 f. (Tese de Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 1990.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel; revisão e supervisão: Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Editora Nacional – Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola editorial: 2010.

SILVA, A. *A expressão da futuridade no português falado*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. 1991, 330 f. (Tese de Doutorado em Ciências). Universidade Estadual de Campinas, 1991.

Recebido em março de 2013.  
Aprovado em julho de 2013.